

EQUIPE EDITORIAL

Coordenação

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Brasil

Editores da Décima Sexta Edição

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Conselho Editorial

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Auxiliadora Fontana Baseio | Universidade de Santo Amaro, Brasil

Maria Cristina Xavier de Oliveira | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria dos Prazeres Santos Mendes | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Rita de Cássia Dionísio | Universidade de Montes Claros, Brasil.

Comissão Científica

Angela Balça | Universidade de Évora, Portugal

Diógenes Buenos Aires | Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Eliane Debus | Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

José Jorge Letria | Associação dos Escritores Portugueses, Portugal

José Nicolau Gregorin Filho | Universidade de São Paulo, Brasil

Pedro Serra | Universidade de Salamanca, Espanha

Rosangela Sarteschi | Universidade de São Paulo, Brasil

Sérgio Paulo Guimarães Sousa | Universidade do Minho, Portugal

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil.

Rita de Cássia Dionísio | Universidade de Montes Claros, MG, Brasil.

Comissão de Publicação

Cristiano Camilo Lopes | Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Cristina Xavier de Oliveira | Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Regina Célia Ruiz | Universidade de São Paulo, Brasil

Sandra Trabucco Valenzuela | Centro Universitário Faculdade das Américas - FAM, Brasil

Preparação e Revisão da Décima Sexta Edição

Adriana Falcato Almeida Araldo | Universidade de São Paulo, Brasil

Avani Souza Silva | Universidade de São Paulo, Brasil

Bianca Leão Bertin | Universidade de São Paulo, Brasil

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Joana Marques Ribeiro | Universidade de São Paulo, Brasil

Lígia Regina Maximo Cavalari Menna | Universidade Paulista, Brasil

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/Universidade de São Paulo, Brasil

Selma Simões Scuro | Universidade de São Paulo, Brasil

Projeto Gráfico

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Edição de Arte

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Criação do Logotipo

Silvana Mattievich

Ilustração da Capa

Eduardo Belga | <https://www.ebelga.com/>

Capa

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Tradutores

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Lígia Regina Maximo Cavalari Menna | Universidade Paulista, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Selma Simões Scuro | Universidade de São Paulo, Brasil

Pareceristas da Décima Sexta Edição

Alexander Meireles da Silva | Universidade Federal de Goiás, Brasil

Ana Paula Santos | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

André Cabral de Almeida Cardoso | Universidade Federal Fluminense, Brasil

Cristhiano Motta Aguiar | Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Daniel Augusto Pereira Silva | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro | Universidade Federal de Goiás, Brasil

Felipe Mello | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Joana Marques Ribeiro | Universidade de São Paulo, Brasil

Lígia Regina Maximo Cavalari Menna | Universidade Paulista, Brasil

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Patrícia Aparecida Beraldo Romano | Universidade Federal do Sul e Sudeste do
Pará

Regina Célia Ruiz | Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/Universidade de São Paulo, Brasil

Sandra Trabucco Valenzuela | Centro Universitário Faculdade das Américas -
FAM, Brasil

ISSN: 2316-9826

SUMÁRIO

Editorial 8

Maria Zilda da Cunha, Nathália Xavier Thomaz, Oscar Nestarez, Ricardo Iannace

Entrevista

É preciso naturalizar o arrepio: uma entrevista
com Marcelo Miranda sobre o cinema brasileiro de horror.....13

Oscar Nestarez

Artigos

House of Ashes e as mecânicas de uma narrativa interativa de horror..... 26

Pedro Sasse

Necromantes e profecias: o gótico em Herculano e Schiller 50

Leonardo de Atayde Pereira

O conto *Assombramento*, de Afonso Arinos:
o medo, a mente e o horror entre símbolos e sombras 70

Fernando Januário Pimenta

A tradição Gótica no jogo eletrônico *Until Dawn*.....91

Iris Maitê Fullas Aguiar

Ficção, emoção e realidade: formulações sobre
o horror artístico em *Drácula* e *A Bruxa de Blair*.....116

Edson Soares Martins, Leonardo Brandão de Oliveira Amaral e Pétrus David Sousa

Patrício

Antecedentes de um romance gótico brasileiro: o conto “Maria Vitória” e o manuscrito de <i>Fronteira</i>	141
Júlio França e Lais Alves	
Emma e Susana: o horror da morte em <i>Madame Bovary</i> e <i>Pedro Páramo</i>	165
Fernanda Brait e Luna Bolina	
Um paraíso perdido ao sul: traços de ambientação gótica e interdito familiar em <i>Georgina</i> (1873), de Apelles Porto Alegre	180
Louise Farias da Silveira e Enéias Tavares	
“Fiel até a morte”: uma análise do passado gótico em <i>A sucessora</i> (1934) e <i>Rebecca</i> (1938).....	206
Ana Paula Araujo dos Santos	

Resenha

“Vamos despedaçar sua alma!”: um passeio pelos horrores cenobíticos da franquia <i>Hellraiser</i>	224
Marcelo Miranda	

EDITORIAL

Mosaicos do horror: o literário e outras expressões sígnicas

A exemplo da edição anterior, este décimo sexto número da Literartes focaliza as narrativas de horror em diferentes linguagens. A necessidade de se publicar dois volumes confere a medida da incidência deste segmento ficcional na atualidade: feita a chamada para a primeira edição, recebemos um número considerável de artigos perscrutando as nuances e os mecanismos do horror na literatura, no cinema, nas séries de plataformas de *streaming*, nos jogos eletrônicos ou nos quadrinhos.

De certa forma, esses estudos carregam em seu núcleo o fascínio exercido pelo imaginário do horror, que nos acompanha desde tempos imemoriais – cabe lembrar que o arrepio na espinha sempre exerceu papel fundamental na preservação de nossa espécie, seja nos orientando na busca de lugares mais seguros para habitar, seja nos levando a criar e a compartilhar histórias ao redor da fogueira. Logo, o medo constituiu-se em poderoso mecanismo de sobrevivência; uma vez vinculado ao terreno de ameaças, suscita fantasias e, em consequência, a criação artística.

Inevitavelmente, a matéria crítica que compõe esta edição acena a gêneros e categorias – senão, a modos de construção – que nomeamos como gótico, insólito, terror, fantástico, sinistro e estranho, a depender de sua natureza e especificidade. Isso porque o horror se manifesta em amistosidade com todos esses estatutos e matrizes, tonificando-os. Como no número precedente da Literartes, os artigos ressoam a gama de postulados responsável pela problematização dessa espécie de artefato ficcional que seduz tanto os leitores amadores (aqueles mais identificados com ocorrências de pavor) quanto os leitores especializados (ou seja, os estudiosos da estética literária).

É, pois, a concepção de horror artístico, conforme formulada por Noël Carroll, a base teórica para os artigos desta edição. São nove; neles, autores das literaturas nacional, europeia, estadunidense e da América Central assomam. A Sétima Arte e o

mundo da gamificação integram o debate, atestando que as expressões do medo se atualizam tecnologicamente – reinventam-se por meio de ferramentas e graças a códigos e atalhos da epopeia digital em que o homem do nosso século se encontra imerso.

Assim sendo, no artigo “*House of Ashes* e as mecânicas de uma narrativa interativa de horror”, da autoria de Pedro Sasse, a intermedialidade está na linha de frente; de entremeio com os games e o cinema, a leitura concedida ao jogo *House of Ashes* (2021) admite repensar os efeitos do pavor em tempos de cultura e entretenimento cibernéticos; acima de tudo, o jogador assume um protagonismo *sui generis* nessa experiência lúdica. Nesse segmento, aliás, pode-se depreender a especulação de Iris Maitê Fullas Aguiar em artigo aqui presente: “A tradição gótica no jogo eletrônico *Until Dawn*”. Aguiar erige suas proposições sobre o game fundamentando-se em estudos criteriosos atinentes ao *locus horribilis*, à personagem monstruosa e à presença fantasmagórica do passado.

O pesquisador Leonardo Atayde Pereira, em seu “Necromantes e profecias: o gótico em Herculano e Schiller”, lê as dominantes da soturnidade nos *constructos* do literato português da escola romântica e do filósofo alemão pré-romântico. Logo, vem à baila a experiência de Herculano como leitor de Schiller. Isto é, avulta a implicação intertextual, reverberando afortunadamente o imaginário medievo e suas pulsões na esfera do sobrenatural.

“O conto ‘Assombramento’, de Afonso Arinos: o medo, a mente e o horror entre símbolos e sombras” é o título do artigo de Fernando Januário Pimenta. A intriga do autor belo-horizontino recebe uma leitura que equaliza o medo, o horror e as perturbações da mente. O texto reporta-se a representações simbólicas e a superstições; por essa razão a abordagem da trama de Arinos se pauta, sobremaneira, por estudos do folclorista Câmara Cascudo.

“Ficção, emoção e realidade: formulações sobre o horror artístico em *Drácula* e *A Bruxa de Blair*”, artigo dos pesquisadores Edson Soares Martin, Leonardo Brandão de Oliveira Amaral e Pétrus David Sousa Patrício, desenvolve uma leitura crítica do conceito de horror artístico defendido por Noël Carroll. Busca-se, à luz das duas obras supramencionadas, uma revisão do entrelaçamento entre ficção e realidade, no intuito de entender a fruição emotiva que faz o horror ser compreendido como um gênero.

Julio França e Lais Alves, no artigo “Antecedentes de um romance gótico brasileiro: o conto ‘Maria Vitória’ e o manuscrito de *Fronteira*”, oferecem uma análise acurada de manuscrito e estrutura narrativa de Cornélio Penna, explorando a enunciação do primeiro romance do autor carioca. A estilística e o modo como ela opera (considerando-se procedimentos como a presença de narrador autodiegético, fluxo de consciência, repertório semântico) ganham notoriedade na tessitura do escritor modernista quando, em errância transgressiva, é ela organizada nas esferas da morbidez, do lúgubre e do fantasmagórico.

Morte e sensualidade, em paridade com distúrbios como loucura e devaneio, são tratadas no artigo de Fernanda Brait e Luna Bolina, intitulado “Emma e Susana: o horror da morte em *Madame Bovary* e *Pedro Páramo*”. O comparativismo efetiva-se visando à construção da personagem feminina, cada qual resgatada em seu mundo interior, de tonalidade turbulenta, nas obras de Gustave Flaubert e Juan Rulfo. O feminino, outrossim, ganha páginas em outro artigo desta edição: “Um paraíso perdido ao sul: traços de ambientação gótica e interdito familiar em *Georgina* (1873), de Apelles Porto Alegre”. Nesse estudo dos pesquisadores Louise Farias da Silveira e Enéias Tavares, a heroína – cujo nome confia o título ao romance – é recuperada no seu contexto familiar, uma vez que na trama oitocentista se alternam dispositivos como a perda da inocência, o interdito e a sexualidade, em consonância com a tradição do romantismo de matiz gótica.

A *persona* feminina também se faz inscrita no artigo de Ana Paula Araujo dos Santos, “‘Fiel até a morte’: uma análise do passado gótico em *A sucessora* (1934) e *Rebecca* (1938)”, em que a aproximação entre as heroínas (*post mortem*) de Carolina Nabuco e de Daphne Du Maurier se estabelece como objeto de especulação que ultrapassa as denúncias de plágio e se atém à representação do casamento (fantasmagoricamente) fadado ao desenlace.

Na seção Entrevista, o pesquisador e ficcionista Oscar Nestarez conversa com o jornalista, crítico e pesquisador de cinema Marcelo Miranda sobre a produção fílmica de horror no Brasil, oferecendo um panorama do gênero no cenário nacional que contempla desde as primeiras produções até a situação atual. É de autoria do mesmo crítico o texto que compõe a seção Resenha: “‘Vamos despedaçar sua alma!’:

um passeio pelos horrores cenobíticos da franquia *Hellraiser*". A resenha crítica tem como referência a obra *Hellraiser – Renascido do inferno* (2015), do britânico Clive Barker, com tradução em português de Alexandre Callari pela editora carioca Dark-side Books, e aborda os filmes inspirados na obra: *Hellraiser – Renascido do inferno* (1987) e *Hellraiser* (2022). Trata-se de um convite ao leitor para lembrar e conhecer o universo criado por Barker.

Assim como na Edição 15, a arte que ilustra a capa desta edição é de Eduardo Belga, artista plástico brasileiro que aborda a poética do grotesco em suas obras. O mosaico criado pelo ilustrador nos coloca, enquanto observadores, em um jogo de atração e repulsa: ao mesmo tempo que desejamos olhar com mais atenção a ilustração e seus detalhes intrincados, percebê-los nos causa incômodo, ainda que a imagem construída não seja nítida o suficiente para definir o objeto retratado. Esse jogo retrata um dos aspectos mais interessantes do horror: o movimento pendular entre o familiar e o estranho, um paradoxo que leva o leitor a se engajar na tensão entre contrários e mergulhar na história.

Ótima leitura a todos!

Maria Zilda da Cunha

Nathalia Xavier Thomaz

Oscar Nestarez

Ricardo Iannace
